

Viso · Cadernos de estética aplicada

Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 8, jan-jun/2010

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

Uma carta

Hugo von Hofmannsthal

RESUMO

Uma carta

Nesta carta fictícia de Hugo von Hofmannsthal, datada de 22/09/1603, Lord Chandos dirige-se a Francis Bacon para explicar por que abandonou a sua promissora carreira literária. A tradução é de Marcia Cavalcante Schuback.

Palavras-chave: von Hofmannsthal – Chandos

ABSTRACT

A Letter

Hugo von Hofmannsthal is the author of this fictitious letter where Lord Chandos addresses Francis Bacon, in 1603, to explain his decision to give up a promising literary career. The letter is translated by Marcia Cavalcante Schuback.

Keywords: von Hofmannsthal – Chandos

HOFMANNSTHAL, H. v. “Uma carta”. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: *Viso: Cadernos de estética aplicada*, v. IV, n. 8 (jan-jun/2010), pp. 23-34.

Aprovado: 22.06.2010. Publicado: 10.07.2010.

© 2010 Márcia Sá Cavalcante Schuback (tradução). Esse documento é distribuído nos termos da licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional** (CC-BY-NC), que permite, exceto para fins comerciais, copiar e redistribuir o material em qualquer formato ou meio, bem como remixá-lo, transformá-lo ou criar a partir dele, desde que seja dado o devido crédito e indicada a licença sob a qual ele foi originalmente publicado.

Licença: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR

Accepted: 22.06.2010. Published: 10.07.2010.

© 2010 Márcia Sá Cavalcante Schuback (tradução). This document is distributed under the terms of a **Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International** license (CC-BY-NC) which allows, except for commercial purposes, to copy and redistribute the material in any medium or format and to remix, transform, and build upon the material, provided the original work is properly cited and states its license.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

Essa é a carta que Felipe, Lord Chandos, o filho mais jovem do Conde de Bath¹, escreveu para Francis Bacon, mais tarde Lord Verulam e Visconde de Santo Alban, desculpando-se por ter desistido inteiramente de sua atividade literária:

Foi gentil de sua parte, meu estimado amigo, ter-me escrito apesar desse meu longo silêncio de dois anos. Foi mais do que gentil ter expresso a sua preocupação com o meu estado, que lhe parece um estado de estagnação espiritual, valendo-se de um tom leve e jocoso. Só grandes homens, esses que se deixam atravessar pelo perigo da vida sem se desencorajar, possuem em seu poder essa capacidade.

A sua carta termina com o aforismo de Hipócrates: "*Qui gravi morbo correpti dolores non sentiunt, iis mens aegrotat*"², querendo dizer que necessito de um remédio não somente para lindar o meu mal, mas sobretudo para aguçar os sentidos para o meu estado interior. Gostaria de responder-lhe como você merece, mostrando-me inteiramente, mas não sei bem como fazê-lo. Nem sequer sei se ainda sou o mesmo para quem você enviou a sua carta; será que, agora com vinte e seis anos, ainda sou o mesmo homem que aos dezenove escreveu *A nova Paris, Sonho de Dafne, Epithalamium*, essas peças pastorais sustentadas sobre o brilho das palavras, que uma rainha divina e alguns lordes e senhores muito indulgentes são bondosos a ponto de ainda delas recordarem-se?

Sou ainda aquele que, aos vinte e três anos, descobriu, sob as arcadas de pedra da grande praça de Veneza, aquela estrutura da prosa latina, cujo projeto e construção espirituais ardiem dentro de mim mais do que os monumentos de Paládio e Sansovino surgindo do mar? E se ainda sou o mesmo, como poderia ter perdido tanto assim dentro de meu interior incompreensível todos os vestígios e cicatrizes de pensamentos nascidos outrora de maneira tão intensa, a ponto de olhar com tamanha estranheza e frieza para o título de meu breve tratado, mencionado nessa sua carta que se acha aqui diante de mim? E isso de tal modo que nem sequer consegui compreender de imediato o que significava a imagem familiar, tendo que estudar palavra por palavra como se esses vocábulos latinos tão conectados tivessem aparecido diante de meus olhos pela primeira vez.

Mas, apesar de tudo, eu sou eu mesmo, e essas perguntas não passam de retórica. Sim, retórica, tão boa para mulheres ou para a bancada de políticos, instrumento de poder tão estimado em nosso tempo, não obstante a sua incapacidade de penetrar no coração das coisas.

O que preciso expor-lhe é, no entanto, o meu íntimo, uma peculiaridade, um desajeito, se você preferir, uma doença do espírito, se você puder entender que um abismo sem ponte me separa desses meus trabalhos literários deixados para trás e frente aos quais sinto tanta estranheza que até hesito em considerá-los como meus.

Não sei se devo admirar mais a dedicação de sua benevolência ou a incrível agudeza de sua memória, ao recordar-me dos vários projetos que me mobilizavam naqueles tempos de belo entusiasmo. Realmente, eu pretendia escrever um drama sobre os primeiros anos de governo de nosso glorioso soberano, agora já falecido, Henrique oitavo!

As anotações deixadas pelo meu avô, o Duque de Exeter, sobre as suas negociações com França e Portugal, forneceram-me uma espécie de base. E de Salusto³ fluía em mim, naqueles dias de vida feliz, como se de tubos nunca entupidos, o conhecimento da forma, daquela verdadeira e profunda forma interior, que só se deixa intuir para além das artimanhas retóricas. Refiro-me à forma da qual não mais se pode dizer que ordena a matéria, posto que atravessa e penetra a matéria, criando ao mesmo tempo e de uma só vez poesia e verdade, um jogo de reflexos das forças eternas, algo tão magnífico como a música e a álgebra. Esse foi o meu projeto favorito.

Mas quem é o homem para fazer planos!

Brincava também com outros projetos. Sua carta generosa também a isso se referia. Todos eles, saturados com uma gota de meu sangue, dançam diante de mim como tristes mosquitos num muro sombrio sobre o qual não mais consegue brilhar o sol de dias felizes.

Meu desejo era desvendar as fábulas e narrações míticas, deixadas pelos antigos e pelas quais pintores e escultores sentiram um prazer sem fim e despreocupado. Queria desvendá-las como se fossem hieróglifos de uma sabedoria velada e inesgotável cujo hálito parecia sentir como se estivesse por detrás de um véu.

Guardo esse projeto na lembrança. Não sei que prazer sensível e espiritual estava em jogo: como o cervo caçado corre para a água, queria penetrar nesses corpos nus e brilhantes, nessas sirenes e dríades, nesse Narciso e Proteu, Perseu e Acteu: queria neles desaparecer e a partir deles falar com línguas. Queria. Ainda queria tantas outras coisas. Pensei em publicar uma coletânea de “apotegmas”, como Júlio Cesar havia feito: você deve se lembrar que Cícero a eles se refere numa de suas cartas.

Pensava em justapor as máximas mais significativas que havia conseguido reunir nos encontros com os homens de cultura e as mulheres de espírito de nosso tempo, com pessoas especiais do povo simples e com outras educadas e excepcionais que conheci em minhas viagens. Minha ideia era reunir tudo isso com as belas frases e reflexões extraídas de obras dos antigos e dos italianos, com tudo que encontrei de estímulo espiritual não só em livros, manuscritos e conversas mas também na organização de belas festas e vestimentas, delitos curiosos e casos de loucura, na descrição das esculturas e monumentos mais grandiosos e característicos na Holanda, França, Itália e muito mais. A obra deveria trazer o título *Nosce te ipsum*.

Para resumir: naquela época, acreditava, em meio a uma contínua embriaguez, que toda a existência era como uma grande unidade: mundo corpóreo e espiritual não me pareciam constituir nenhuma oposição e tampouco seres cortesões e animais, arte e não-arte, solidão e sociedade. Em tudo, sentia a natureza, tanto nos descaminhos da loucura como nas sutilezas mais extremas de um cerimonial espanhol, tanto nas idiotices de jovens camponeses como nas alegorias mais doces; e em toda a natureza sentia a mim mesmo. A mesma sensação que tinha ao beber, num abrigo de caça, o leite morno e espumante, que um bom homem tirando de uma vaca bonita e suculenta deitava num pote de madeira, sentia quando, sentado à janela de uma conversadeira de meu escritório, sorvia das folhas de um livro a nutrição doce e espumante do espírito.

Um era como o outro. Nenhum excedia ao outro, nem em natureza sonhadora e supraterebre nem em força corpórea, cada um expandindo-se como mão direita e esquerda por toda a vastidão da vida. Por toda parte, sentia-me no meio de tudo isso e nada me parecia apenas aparência. Ou então pressentia que tudo não passava de símile e parábola onde cada criatura era uma chave para as outras e eu o único ser capaz de agarrar uma por uma pela coroa para assim desvendar das outras o tanto que delas se podia desvendar. Assim se explica o título que gostaria de ter dado a esse livro enciclopédico.

Para quem tivesse sensibilidade para tais reflexões, tudo isso deveria parecer o projeto bem delineado de uma providência divina, que minha mente viu passar da presunção mais arrogante ao estado de pusilanimidade e debilidade, que agora constitui permanentemente o meu interior. Agora essas visões religiosas não possuem mais nenhum poder sobre mim. Pertencem às teias de aranha pelas quais meus pensamentos lançam-se no vazio enquanto outros tantos que lhes acompanham ficam nelas dependurados, encontrando ali repouso. Em mim os mistérios da fé condensaram-se numa alegoria sublime que paira sobre os campos de minha vida como um arco-íris iluminador, num longe sempre constante, sempre pronto a ceder quando me der na telha de correr e esconder-me nas dobras de meu agasalho.

Mas, meu caro amigo, de mim também fogem os conceitos mais terrestres. Como deveria descrever para você esses estranhos tormentos espirituais, esse envergar-se de galhos de frutas nas minhas mãos estiradas, esse recesso da água murmurante em meus lábios sedentos?

Em poucas palavras, meu caso é o seguinte: perdi inteiramente a capacidade de pensar ou dizer algo coerente a respeito de alguma coisa.

De início, foi-se tornando gradualmente impossível discutir um tema mais elevado ou mais geral e assim tomar na boca as palavras que qualquer um pronuncia sem qualquer hesitação. Experimentei então um mal-estar inexplicável só em pronunciar as palavras “espírito”, “alma” ou “corpo”. Considerei dentro de mim impossível emitir algum juízo sobre acontecimentos da corte, ocorrências no parlamento ou qualquer outra coisa. E

isso não por sentir algum tipo de consideração ou deferência, afinal você bem conhece a minha desmedida insolência. É que as palavras abstratas, que a língua precisa usar para trazer à luz algum tipo de juízo, desmanchavam-se na minha boca como cogumelos apodrecidos.

Um dia, recriminando minha filha de quatro anos, Catarina Pompilia, por ter contado uma mentira de criança e insistindo sobre a necessidade de sempre se dizer a verdade, os conceitos que jorravam de minha boca adquiriram de repente um colorido tão brilhante, confluindo uns sobre os outros de tal modo que comecei a tropeçar no melhor da frase como se estivesse extremamente doente. De fato, sentia o rosto empalidecido e, com uma forte pressão na testa, deixei a criança sozinha e bati a porta atrás de mim, só conseguindo me recuperar relativamente depois de montar no cavalo e galopar durante algum tempo no prado solidário.

Aos poucos, esse estado de angústia começou a espalhar-se como ferrugem devoradora. Mesmo nas conversas familiares e domésticas, os julgamentos e avaliações que se costumam proferir facilmente e com certeza quase que de sonâmbulo tornaram-se para mim tão questionáveis e estranhos que tive que parar de participar dessas conversas.

Enchia-me de uma ira inexplicável, que só com muito esforço conseguia esconder, ao escutar frases como: tal coisa se passou bem ou mal para fulano ou beltrano; o delegado N é um homem mau; o pastor T é um bom homem; o fazendeiro M é de se lamentar, seus filhos são perdulários; um outro é de se invejar, pois tem uma filha muito ordeira; uma família está no apogeu, a outra na falência. Tudo isso me parecia tão incomprovável, tão mentiroso, tão cheio de buracos quanto possível. Meu espírito obrigava-me a ver tudo o que aparecia nessas conversas como algo terrivelmente próximo. Como, uma vez, vi numa lente de aumento um pedaço da pele de meu dedo mindinho assemelhando-se a um campo rachado cheio de sulcos e crateras, assim via agora os homens e as ações. Não conseguia mais apreendê-los com o olhar simplificado do hábito. Tudo desintegrava-se em pedaços; pedaços em mais pedaços e nada mais conseguia ser abarcado por um conceito. As palavras isoladas inundavam-me; aglutinavam-se em olhos que me fitavam e para os quais via-me obrigado também a fitar: turbilhões, são as palavras. Sentia vertigens ao olhar para elas, girando sem parar e através das quais só se consegue chegar no vazio.

Fiz uma tentativa para sair desse estado buscando refúgio no mundo espiritual dos antigos. Evitei Platão por temer o perigo do voo de sua imaginação. Pensei em manter-me sobretudo junto a Sêneca e Cícero. Tive esperanças de curar-me com os seus conceitos bem delimitados e harmoniosamente ordenados. Compreendi bem esses conceitos: vi o seu maravilhoso jogo de relações surgir diante de mim como magníficas fontanas d'água, brincando com bolas douradas. Podia vê-los jogar para lá e para cá, brincando uns com os outros. Mas eles só tinham a ver uns com os outros e o mais profundo e pessoal de meu pensamento permanecia excluído de seu círculo. Com eles

experimentei a sensação de uma terrível solidão. Em meu espírito era como se estivesse trancado num jardim com estátuas sem olhos. Tive de fugir novamente para o ar livre.

Desde então levo uma existência que você dificilmente poderia conceber. Sim, uma existência tão sem espírito, tão sem pensamento, quase sem nenhuma diferença da existência de meus vizinhos, de meus parentes e da maior parte dos nobres proprietários de terra deste reino, e que não é totalmente desprovida de momentos alegres e vivos. Não seria fácil para mim explicar a você em que consistem esses momentos, as palavras mais uma vez me deixam na mão. Mas algo inteiramente inominado e dificilmente nomeável revela-se para mim em tais momentos, preenchendo como uma jarra alguma manifestação do cotidiano que me cerca com um jato de vida mais elevada.

Não posso esperar que você me compreenda sem um exemplo e devo desculpar-me por estes exemplos lamentáveis. Um regador, um ancinho abandonado no campo, um cachorro ao sol, um cemitério de igreja, um aleijado, uma pequenina casa de camponês, tudo isso pode se tornar a jarra de minha revelação. Cada um desses objetos e milhares de outros semelhantes, dos quais os olhos sem mais haveriam de se desviar com indiferença, podem subitamente, em qualquer momento que não se encontra de modo algum em meu poder, assumir um caráter tão sublime e comovente que as palavras parecem pobres demais para exprimir.

Sim, mesmo a imagem precisa de um objeto ausente, inconcebivelmente escolhida, pode ser preenchida até a borda com esse jato silencioso de sensação divina que repentinamente irrompe. Recebi por exemplo ordens de espalhar veneno contra rato no porão onde se guarda o leite da fazenda. Sai à tardinha para andar a cavalo e, como você pode imaginar, não pensei mais nisso. Cavalgando no campo, tendo à visão nada mais apavorante do que um bando de codornas amedrontadas e ao longe o sol se pondo grande sobre prados ondulados, subitamente esse porão apareceu diante de mim, preenchendo essa visão com o combate mortal dessa população de ratos.

Tudo era em mim: o ar frio e úmido do porão, cheio do odor doce e picante de veneno, os gritos de morte ressoando nos muros cheios de musgo, as convulsões de corpos impotentes revirando-se uns sobre os outros, desesperos caçando uns aos outros, a busca enlouquecida de saídas, o olhar frio de raiva quando dois deles colidem numa rachadura bloqueada. Mas por que buscar palavras que havia conjurado!

Você se lembra, meu amigo, das maravilhosas descrições feitas por Lívio das horas que antecederam a destruição de Alba Longa? Como as multidões erravam pelas ruas que não mais haveriam de ver como se despediam das pedras do solo.... Sim, meu amigo, carregava dentro de mim tanto essa imagem como a de Cartago. Mas havia ainda algo mais, algo mais divino, mais animal: era o presente, o presente mais pleno, o mais sublime presente.

Ali havia uma mãe chorando pelos filhos em vias de morrer, olhando não para os filhos agonizantes e nem para os muros de pedras implacáveis, mas para o ar vazio ou pelo ar rumo ao infinito, acompanhando esse olhar com o ranger dos dentes! Um escravo servil, cheio de impotente terror na proximidade da Níobe estarecedora, deve ter sentido o que senti dentro de mim quando a alma desse animal mostrou os dentes pálidos para o seu monstruoso destino.

Perdoe essa descrição, mas não pense que era compaixão o que me preenchia. Não deve pensar isso, pois do contrário é o exemplo que teria sido mal escolhido. Era bem mais e bem menos do que compaixão. Era uma participação monstruosa, uma emanção em cada criatura ou a sensação de que um fluido de vida e morte, de sonho e vigília nelas afluíu por um instante – mas de onde? Pois o que teria a ver com compaixão, o que teria a ver com nexos de pensamentos humanamente concebido o fato de, numa noite, ter encontrado sob uma amendoeira essa jarra meio-cheia, que um jovem jardineiro ali havia esquecido e, quando essa jarra e a água dentro dela, escurecida pela sombra da árvore e um besouro que no espelho dessa água movia-se de uma margem para outra, quando essas combinações de nada me arrepiaram com um infinito tão presente, quando me arrepiaram da raiz dos cabelos aos extremos do calcanhar, a ponto de querer irromper em palavras? O que me fez querer irromper em palavras das quais sabia que, se eu as encontrasse, os querubins, nos quais eu não acredito, teriam que prostrar-se de joelhos; o que me fez afastar-me em silêncio desse lugar? Ainda agora, semanas depois, avistando essa amendoeira, passo por ela com olhar tímido e de soslaio, pois não quero apagar o sentimento de maravilha que restou e que paira em volta do tronco, não quero afugentar o arrepio mais do que terrestre que sempre ainda repercute nas suas proximidades.

Nesses instantes, uma criatura de nada, um cachorro, um rato, uma barata, uma macieira curvada, uma pista sinuosa sobre o morro, uma pedra cheia de musgo são para mim mais do que a mais bela e devotada amante de uma noite feliz. Essas criaturas mudas e por vezes inanimadas impõem-se para mim com tamanha abundância, com tamanha presença de amor que meu olho feliz não consegue fixar-se em nenhum ponto morto ao redor.

Tenho a impressão de que tudo o que existe, tudo que eu lembro, tudo que meus pensamentos enlouquecidos tocam é alguma coisa. Até o meu próprio peso e a estupidez de meu cérebro parecem ser alguma coisa. Sinto em mim e em torno de mim um jogo de interação excitante e simplesmente infinito. E dentre as matérias que jogam e brincam umas com as outras, não há nenhuma rumo à qual eu não gostaria de lançar-me e com ela imiscuir-me.

Para mim é como se meu corpo consistisse de cifras puras que tudo me revelam. Ou como se pudéssemos iniciar uma relação inteiramente nova e cheia de pressentimentos com toda a existência se começássemos a pensar com o coração. Só que tão logo, porém, esse estranho maravilhamento me abandonasse, não saberia mais o que dizer. E

tampouco seria capaz de expor com palavras racionais em que consistia essa harmonia que pairava sobre mim e sobre todo o mundo e como ela se fazia sentir em mim quando tentava dizer algo preciso sobre os movimentos de minhas vísceras ou sobre a congestão de meu sangue.

À exceção desses estranhos acontecimentos, que eu dificilmente saberia dizer se pertencem mais à ordem do espírito ou à do corpo, vivo uma vida de incrível vazio, com dificuldades de esconder de minha mulher a estagnação de meu interior e dos empregados a indiferença com que os negócios me absorvem. A boa e severa educação que recebi de meu venerado pai e o hábito que adquiri desde cedo de não deixar nenhuma hora desocupada são ao que parece as únicas coisas que me ajudam a mostrar para fora uma certa aprumo na minha vida e a conferir à minha posição e à minha pessoa uma certa imagem.

Estou construindo uma nova ala em minha casa, sendo capaz de discutir ocasionalmente com o arquiteto sobre os progressos do seu trabalho. Administro meus bens e meus inquilinos e funcionários podem me considerar mais taciturno, mas não menos benevolente do que antes. Nenhum deles, que se encontra de pé diante de sua porta sem boné, quando faço minha cavalgada no fim do dia, tem a mínima suspeita de que meu olhar, que ele está acostumado a capturar com respeito, espalha-se com nostalgia quieta sobre tábuas apodrecidas, procurando por detrás delas minhocas para a pesca, que ele se alça por entre barras estreitas de janelas para entrever a sala escura onde, no canto, a cama baixa com folhas coloridas parece estar sempre à espera de quem quer morrer ou de quem deve nascer. Ele não suspeita que o meu olhar detém-se longamente num cachorrinho feio ou no gato que passa cheio de destreza entre vasos de flores e que, dentre todos os objetos pobres e desajeitados de uma vida camponesa, ele busca aquele de forma invisível, aquele para que ninguém atenta, mas cuja existência calada e inobservada pode se tornar a fonte de um entusiasmo enigmático, inexprimível e sem limites.

Pois o meu sentimento feliz e sem nome irrompe mais do fogo distante e solitário de um pastor do que da visão de um céu estrelado; mais do chiro de um último grilo, quase morto quando o vento de outono sopra nuvens de inverno por sobre prados baldios do que do rugido majestoso de um órgão. E por vezes comparo-me em pensamento com Crasso, o orador, de quem se conta ter amado tanto um dos peixes de seu aquário, uma moreia mansa, um peixe calado, escuro e de olhos vermelhos que fez dela um de seus interlocutores. E quando Domício o censurou por ter vertido lágrimas pela morte desse peixe, querendo assim mostrá-lo como idiota, Crasso lhe respondeu dizendo: “Na morte do meu peixe, eu fiz o que você não fez na morte da sua primeira mulher e nem da segunda”. Não sei com que assiduidade esse Crasso com sua moreia me veio à mente como uma imagem de mim mesmo, no abismo desse século. Não tanto por essa resposta que deu à Domício. A resposta trouxe o riso para o seu lado de maneira que tudo se dissolveu na anedota. Essa estória me toca bem de perto e a questão seria a

mesma ainda que Domício tivesse vertido as lágrimas de sangue da dor mais honesta pela morte de suas mulheres. Pois ainda assim ele estaria sempre diante de Crasso e das suas lágrimas por uma moreia.

E algo inominável compele-me para essa figura, cujo ridículo e miséria saltam aos olhos em meio a um senado que governa o mundo e delibera sobre os assuntos mais sérios, para essa figura que me aparece inteiramente idiota no instante mesmo em que busco exprimi-la com palavras.

A imagem desse Crasso fica por vezes à noite em meu cérebro como uma agulha espetada em torno da qual tudo escurece, pulsa e aquece. É como se eu mesmo estivesse a fermentar, a soprar bolhas e espumas de mim, como se estivesse a efervescer. E tudo é uma espécie de pensamento febril, mas um pensamento num material mais imediato, mais fluido e incandescente do que a palavra. É igualmente um turbilhão, só que um tal que, diferentemente das palavras da linguagem, que parecem conduzir para o abismo, esse parece levar de algum modo para dentro de mim mesmo e para o seio mais profundo da paz.

Já lhe perturbei muito, meu caro amigo, com essa longa descrição desse estado inexplicável que de hábito permanece fechado dentro de mim.

Foi uma grande generosidade sua exprimir a sua insatisfação com o fato de nenhum livro de minha autoria chegar mais às suas mãos e assim “compensar a falta de nossa amizade”. Sinto nesse instante uma certeza, que não exclui um sentimento de dor, a de que nos próximos e em todos os outros anos de minha vida não terei de escrever nenhum livro, seja em inglês, seja em latim. E isso por uma razão esdrúxula e embaraçosa para que devo deixar que a superioridade ilimitada de seu espírito encontre o devido lugar em meio às manifestações do corpo e do espírito: e isso porque a linguagem na qual eu seria capaz não só de escrever mas também de pensar não é nem o latim, nem o inglês, nem o italiano, nem o espanhol, mas uma linguagem na qual as coisas mudas por vezes falam para mim e na qual, e talvez só no túmulo, tenha de justificar-me diante de um juiz desconhecido.

Gostaria de que me fosse concedido, nas derradeiras palavras do que presumo ser minha última carta escrita a Francis Bacon, comprimir todo o amor e gratidão, toda a admiração incomensurável que nutro e terei de nutrir em meu coração por esse grande bem-feitor de meu espírito, para o primeiro dos ingleses de meu tempo, até que a morte faça algo melhor.

D.C 22 de agosto de 1603

Phi. Chandos

* **Marcia Cavalcante Schuback é professora da Södertörns University College/Suécia.**

** Extraído de HOFMANNSTHAL, H. v. *Gesammelte Werke in Einzelausgaben. Prosa II*. Edição organizada por Herbert Steiner. Frankfurt: Fischer, 1976, pp. 7-20. A primeira publicação da carta data de 1902, no jornal "Der Tag".

¹ A carta escrita por Hofmannsthal é datada em 22/09/1603 e endereçada a Francis Bacon. Seu autor é uma personagem fictícia, Lord Philip Chandos, que seria o filho mais jovem do conde de Bath. Em 1603, esse condado passava por sua segunda instituição no sistema de pariatos britânico, e apenas o mais jovem dos três filhos do conde William Bourchier, Edward, futuro herdeiro do condado, ainda vivia. (N. do E.)

² “Aqueles que não percebem que estão devastados por séria doença estão doentes no espírito.”

³ Nietzsche elogia o estilo epigramático de Salusto no *Crepúsculo dos Ídolos*, 13.1, dizendo: “Minha sensibilidade para o estilo, para o epigrama como estilo, foi despertada quando entrei em contato com Salusto. [...] [O estilo de Salusto] é compacto, severo, com o máximo de substância, um sarcasmo frio contra 'belas palavras' e 'belos sentimentos’”.